

Aquele que brinca com o leitor

Roteiro por Claudia Maria de S. Pereira

Novembro de 2015

Enredo

Trata-se da história do jovem poeta Othon que se encontra em caos subjetivo, depois de seu editor avisar que sua obra foi indicada ao prêmio e é uma das mais vendidas de uma livraria conhecida.

Othon sente que sua obra é apenas um número nas relações de poder, na quais o seu eu, apenas visto como algo comercial, não ultrapassa as barreiras afetivas, o levando a questionamentos.

Personagem

Othon, 24 anos de idade, escritor dos romances “**Labirintos perdidos**” e “**Coisas do céu negro**”.

SEQUÊNCIA 1 :

Quarto – amanhecer - copo da água ao lado - cama bagunçada - Othon deitado.

São 6h da manhã, Othon deitado na cama, passou a madrugada acordado, depois que seu editor o ligou para informar de sua indicação a um prêmio importante; Othon levanta, em direção a janela: olha, passa mão na cabeça, olha para o chão.

(Narração – “Desejo. Desejo o que outros querem. Ontem queria ser lido, hoje quero desaparecer. Hoje não quero olhar. Mas necessito cumprir o meu contrato, aquele que assinei a um ano, que me vincula a uma editora que faz circular minha obra. Ontem conheci um rapaz. Ele disse ter me visto na televisão, pediu que o abraçasse. Senti-me contemplado).

SEQUÊNCIA 2:

Sala – cortinas fechadas – sol nascendo.

Othon caminha a cozinha, abre a cortina da sala, meche nos utensílios, pega a panela, acende a boca do fogão com um fósforo, ferve água, observa as borbulhas aparecendo; depois pega o coador, coloca o café no papel, põem na garrafa. Passa o café para a garrafa. Senta na cadeira e prepara o café.

(Narração - em abril, fui a uma feira a pedido do meu editor, encontrei um escritor famoso, com livros publicados e reconhecido pela crítica; assisti a sua palestra. Agora não me lembro muito bem o nome dela, mas era sobre contemporâneo, valores. Achei interessante um escritor daquele “porte” comentar sobre isso com seu editor bem na frente. Algo tão tabu nestas relações comerciais. O que pode ser dito e o que não pode ser dito. Achei interessante também ele comentar da tecnologia, da semiologia dos objetos, de tantas coisas, que ao final me fizeram refletir de quem sou. Eu me chamo Othon Pereira, publiquei dois livros, minha mãe me chama de Thon, para os editores e jornais sou Pereira, aquele que brinca com o leitor.

(Narração – Depois do meu editor ligar, me lembrei de uma conversa com meu amigo; ele estava contente em ter finalizado um poema que há muito tempo havia escrito, e que não chegava a conclusão. Por acaso ou não, me lembrei de um trecho:

Deixo que desaguem em mim
todos os rios que me completam,
mas que pesquem em minhas águas
somente os seres que nutrem
um amor imensurável à vida,
em todas as suas cores e movimentos.

Eu fiquei a noite declamando para acalmar meu pobre coração que não tinha rumos.

SEQUÊNCIA 3:

Othon decide caminhar pelas ruas, desce do seu prédio e caminha em direção a uma praça. Um dia antes, havia conhecido dois homens que cantavam músicas do Renato Russo. Ele caminha...

(Narração – Lembrei-me na palestra que o escritor havia dito ler Rancière, comprei o livro e de começo, não entendi nada. Depois, fiquei refletindo representação x realidade. Irei hoje a um evento, criei um personagem, farei dele uma representação dos meus escritos, e minha realidade, ficará presa a mim, e somente a mim.)